

A RACIONALIDADE NEOLIBERAL E O SUJEITO EMPREENDEDOR DE SI NAS REDES SOCIAIS: PROBLEMATIZANDO O FENÔMENO DOS *COACHS* MIRINS

LA RACIONALIDAD NEOLIBERAL Y EL SUJETO EMPRENDEDOR DE SÍ EN LAS REDES
SOCIALES: PROBLEMATIZANDO EL FENÓMENO DE LOS NIÑOS *COACHES* MIRINS

NEOLIBERAL RATIONALITY AND THE ENTREPRENEURIAL SELF ON SOCIAL MEDIA:
PROBLEMATIZING THE PHENOMENON OF CHILD COACHES

Patrícia Diógenes de Melo*

Instituto Federal de Educação do Sertão da Paraíba

Izaías Serafim de Lima Neto**

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Francisco Vieira da Silva***

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

RESUMO: O artigo analisa a construção de discursos de crianças e adolescentes que atuam como *coachs* mirins, de modo a criar e difundir conteúdos tidos como inspiradores nas mídias sociais digitais. Na perspectiva de Foucault, evidencia-se a condução de formas de ser e de se relacionar consigo mesmo que se conectam com a racionalidade neoliberal, pois esta prima pela autogestão, proatividade e livre iniciativa. Sob a ótica arqueogenealógica, o estudo analisa enunciados extraídos de vídeos publicados em redes

* Doutora em Letras pelo PPGL/UERN. Docente Adjunta do IF Sertão - PB, campus Sousa/PB. E-mail: patricia.melo@ifpb.edu.br.

** Doutor em Letras pelo PPGL/UERN. Docente Adjunto do Departamento de Ciência e Tecnologia (DCT), no Centro Multidisciplinar de Caraúbas/RN - Ufersa. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN). E-mail: izaia.neto@ufersa.edu.br.

*** Doutor em Linguística pelo PROLING/UFPB. Docente Adjunto do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH), no Centro Multidisciplinar de Caraúbas/RN - Ufersa. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO/IFRN/UERN/Ufersa) E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

sociais digitais e uma matéria jornalística publicada no portal Uol. A partir da análise empreendida, pode-se enfatizar que os *coachs mirins* ancoram-se em uma pedagogia da performance, a partir da qual a infância e a juventude transitam de um período de experimentação para um espaço de aprimoramento contínuo. Dessa forma, crianças e adolescentes começam a internalizar a conduta do indivíduo-empresa que é competitivo, produtivo e que assume a responsabilidade de seu próprio sucesso. Tais discursos buscam transformar os indivíduos, por meio do estabelecimento de um regime de governo que funciona por meio de afetos, desejos e motivações, direcionando, assim, condutas aliadas aos valores neoliberais, de modo a disseminar a ideia de que cada sujeito deve, desde a mais tenra idade, ser o empreendedor de si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Neoliberalismo. Infância. Empreendedorismo. Performatividade.

RESUMEN: El artículo analiza la construcción de discursos de niños y adolescentes que actúan como niños *coaches mirins*, con el fin de crear y difundir contenidos considerados inspiradores en los medios sociales digitales. Desde la perspectiva de Foucault, se evidencia la conducción de formas de ser y de relacionarse consigo mismo que se conectan con la racionalidad neoliberal, ya que esta prima la autogestión, la proactividad y la libre iniciativa. Bajo la óptica arqueogenealógica, el estudio analiza enunciados extraídos de videos publicados en redes sociales digitales y un reportaje periodístico publicado en el portal Uol. A partir del análisis realizado, se puede enfatizar que los niños *coaches mirins* se anclan en una pedagogía de la performance, a partir de la cual la infancia y la juventud transitan de un período de experimentación a un espacio de perfeccionamiento continuo. De esta forma, los niños y adolescentes comienzan a internalizar la conducta del individuo-empresa, que es competitivo, produtivo y que asume la responsabilidad de su propio éxito. Dichos discursos buscan transformar a los individuos mediante el establecimiento de un régimen de gobierno que opera a través de afectos, deseos y motivaciones, orientando así conductas aliadas a los valores neoliberales, para diseminar la idea de que cada sujeto debe, desde la más tierna edad, ser el emprendedor de sí mismo.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Neoliberalismo. Infancia. Emprendimiento. Performatividad.

ABSTRACT: This article analyzes the construction of discourses produced by children and adolescents who act as child coaches, aiming to create and disseminate content regarded as inspirational on digital social media platforms. From a Foucauldian perspective, the study highlights the shaping of ways of being and relating to oneself that are connected to neoliberal rationality, which emphasizes self-management, proactivity, and free initiative. Adopting an archaeogenealogical approach, the study examines statements extracted from videos published on digital social networks, as well as a journalistic article published on the UOL portal. The analysis indicates that child coaches are grounded in a pedagogy of performance, through which childhood and youth shift from a period of experimentation to a space of continuous self-improvement. In this process, children and adolescents begin to internalize the conduct of the individual-as-enterprise, characterized by competitiveness, productivity, and personal responsibility for one's own success. Such discourses seek to transform individuals by establishing a regime of governmentality that operates through affects, desires, and motivations, thereby directing behaviors aligned with neoliberal values and disseminating the idea that each subject should become, from an early age, the entrepreneur of the self.

KEYWORDS: Discourse. Nneoliberalism. Childhood. Entrepreneurship. Performativity.

1 INTRODUÇÃO

Para problematizar a sociedade atual, Michel Foucault apresenta-nos ferramentas teóricas que nos oportunizam entender de que maneira os discursos criam objetos, disciplinam comportamentos e engendram modos de subjetivação. Ao deslocar o ponto de vista da análise das instituições para as práticas discursivas e os regimes de verdade, o filósofo aponta que o poder não atua apenas pela via da repressão, mas, principalmente, pela via da incitação, da normatização e da orientação das condutas. É nessa perspectiva analítica que se insere este artigo, ao questionar a emergência de discursos acerca do empreendedorismo infantojuvenil, materializados na atuação de crianças e adolescentes que se apresentam como *coachs mirins* nas redes sociais.

A difusão dos citados discursos se dá no contexto da intensificação da racionalidade neoliberal, em que se impõe a existência de si mesmo como uma empresa (Dardot; Laval, 2016). Nesse sentido, a infância e a adolescência passam a ser escrutinadas por discursos que incentivam a autogestão, o investimento constante em si mesmo e a conversão da própria vida em um projeto empresarial.

Os *coachs* mirins irrompem, pois, como porta-vozes da lógica da performance e do mérito voltados à infância e à adolescência. Tais discursos, amplamente compartilhados nas redes sociais digitais, acionam noções como disciplina, pensamento positivo, mentalidade de vencedor, superação pessoal etc., numa abordagem que se apresenta como pretensamente neutra, motivacional e inspiradora. Todavia, a partir do pensamento foucaultiano, esses enunciados não devem ser vistos como expressões individuais, mas, sim, como práticas discursivas que contribuem para a formação de subjetividades alinhadas às exigências contemporâneas do neoliberalismo. Referem-se a discursos que funcionam a partir de afetos e desejos, constituindo modos de governo mais discretos, que dispensam uma imposição direta, pois se dá a partir de relatos de sucesso. Segundo Casaqui, Matijewitsch e Figueiredo (2019), a busca por uma trajetória bem-sucedida ganhou um lugar de destaque, e, em razão disso, as narrativas de vida biográficas e autobiográficas são continuamente demandadas na cena empreendedora.

Para fins metodológicos, este trabalho ancora-se na perspectiva arqueogenealógica. O estudo pretende examinar a produção de saberes e as formas de subjetivação infantojuvenis no âmbito das mídias digitais, concentrando-se nos discursos que permeiam a atuação dos *coachs* mirins. Isso envolve investigar as condições de emergência que balizam esses discursos e as maneiras por meio das quais modulam comportamentos, práticas educacionais e formas específicas de governar a si mesmo e aos outros. Importa constituir, então, uma genealogia da infância e da adolescência, recuperando a irrupção de saberes e poderes em torno dessas figuras, para discutirmos como essa fase da vida deixou de ser um tempo de experimentação e abertura para se constituir uma etapa de otimização contínua, com o valor do sujeito sendo pautado pela sua performance, competitividade e resultados.

Ademais, celebrar o centenário de Michel Foucault é reconhecer a vivacidade de um pensamento que, em vez de restringir-se ao seu tempo, mostra-se cada vez mais vivo e nos mobiliza a problematizar o presente. O autor nos legou um gesto filosófico singular. Ao investigar as relações entre saber, poder e subjetivação, incitou o questionamento do que parece natural, evidente e consensual. As provocações desse pensador ultrapassaram limites disciplinares, proporcionando instrumentos fundamentais para entender as formas de controle dos corpos e das condutas.

Desta feita, no presente estudo, reafirma-se a potência da obra foucaultiana para compreender fenômenos emergentes nas mídias sociais digitais, mesmo que seja uma realidade desconhecida pelo autor, falecido no começo dos anos de 1980. Em suma, o horizonte foucaultiano impulsiona-nos a pensar diferentemente o que se pensa, a questionar o que parece evidente e a desenvolver uma crítica que não procura respostas definitivas, mas cria oportunidades para novas indagações. Como nos lembra Fonseca (2014, p. 12), a obra de Foucault

[...] porta algo imaterial, faz-se enunciados de seu tempo e pode prosseguir além dele; não poderia, pois, vir a se tornar apenas rastro materializados no papel. Dela se desprendem ideias e modos de fazer o conhecimento. Torna-se, aos nossos olhos, intemporal, intempestiva, relâmpago do qual extraímos pequenos movimentos de iluminação.

2 NOTAS SOBRE AS INFÂNCIAS: DO SILÊNCIO AO EMPREENDEDORISMO

Neste tópico, dedicamo-nos a apresentar uma breve genealogia das infâncias e adolescências em nossa cultura, de modo a dar a ver as relações que emergiram na história entre os jogos de verdade e os processos de subjetivação de crianças e adolescentes até que se pudesse vislumbrar, em nossa atualidade, os fenômenos relativos aos *coachs* mirins e demais manifestações discursivas de sujeitos crianças e adolescentes capturados pela racionalidade neoliberal nos seus modos de cindir e reorganizar os processos de verificação da existência dos sujeitos por meio da lógica do trabalho.

Infância, do Latim *infantia*, é formado pelo prefixo *in* (não) e o radical *fantia* (que não fala), conforme Nascentes (1966), e designa o sujeito que não falava nos primórdios da cultura latina. Irrompe com essa cultura um certo número de diretrizes que arregimentaram o *status* infante, ou daqueles que devem estar em silêncio. Ocorre que, nos aclives e declives da história dessa cultura, os sujeitos infantes foram alvos de incontáveis deslocamentos nos processos que os objetivaram, como objeto de saberes que visavam

constituir verdades sobre suas existências, e possibilitaram a formação de identidades e de modos de si cada vez mais refinados e, por falar arqueogeneologicamente, eticamente produzidos.

Assim, tomamos como norte central a consideração de Moruzzi (2017, p. 286):

Se a infância é uma invenção, uma fabricação da modernidade, produzida no interior dessa rede complexa de poderes e saberes que constituem diferentes práticas, entre elas as pedagógicas e as médicas, e ainda, se essa invenção possui algumas funções estratégicas, é possível compreender que a infância, tal como a sexualidade, é também um dispositivo histórico do poder.

O centro de nossa discussão é a invenção de infâncias e adolescências no seio da cultura ocidental e, por isso mesmo, tomamo-la enquanto dispositivo, conforme as elucubrações foucaultianas. Desta feita, a infância, assim como os demais fenômenos de nossa cultura, é atravessada, ou melhor dizendo, crivada por inúmeras rupturas. Para, então, pensar em uma *genealogia das infâncias*, é preciso compreender que as idades biológicas se tornaram, paulatinamente, eventos socialmente refletidos (Bourdieu, 2008).

Conforme Moraes e Lessa (2020), o século XX marca a emergência de problematizações sobre a infância e a adolescência quando irrompe, a exemplo, o termo *teenager* nos Estados Unidos da América, para designar uma nova categoria de consumidor, associando fulcralmente uma fase da vida a um certo tipo de padrão de consumo, estilo e hábitos. Descreve-se, a nosso ver, um novo modo de vida e se engendra uma *ética* de si associada à idade.

Moraes e Lessa (2020) assinalam que o interesse com as infâncias e as adolescências criou um novo recorte etário, mas também uma seminal categoria política, cujo potencial revitalizador era marcadamente o corolário de suas prementes existências: aos infantes e adolescentes seria dado o futuro que as gerações mais *velhas* produziram ou ensejaram produzir. No âmbito da emergência de uma nova (ou novas) subjetividades, forças concorreram para descrever, delinear e escrutinar os saberes que são produzidos e as redes de poder que formam novos em torno das crianças e jovens.

Movendo os olhos para a cultura greco-romana, é possível vermos as primeiras pistas da interpretação ocidental da infância e da adolescência. É possível sugerir que os infantes ocupavam os mesmos espaços que mulheres e escravos na cultura helênica e romana, estando fadados ao status de seres imperfeitos e marginais. Prevalcia, ainda, a concepção de que detinham reduzida intelectualidade e fisicalidade aquém do esperado. Naquelas culturas, as crianças e adolescentes eram vistos como sem personalidade autônoma (Moraes; Lessa, 2020).

Ao verificarem o *corpus* imagético da cultura helênica, para constituir sua pesquisa sobre a infância, Moraes e Lessa (2020, p. 67) sustentam que: “**Predominam, nesse corpus imagético, cenas de entretenimento e de demais atividades cotidianas. Apesar de as crianças não terem sido completamente ignoradas, a literatura grega tendeu a silenciar a infância, se compararmos com as referências sobre a juventude e a velhice**”.

Esse silenciamento reverbera de maneira diversa nas interpretações da infância que vieram posteriormente a essa cultura. Ao fazermos um retorno à Idade Média, por exemplo, Ariès (2006) apresenta-nos as crianças e adolescentes como pequenos adultos, que não diferiam em vestimentas ou obrigações dos mais velhos. Havia, conforme assinala o historiador citado, um desprezo ou desvalor em torno das *miniaturas* de adultos, expressos pela falta de cuidado. Não se fala em adultização (tema da nossa atualidade), mas em processos de inteligibilidade dos sujeitos (Ariès, 2006).

Subsistia um modo específico de interpretar a existência das crianças que reverberava nas práticas sociais em torno delas, as quais envolviam o demérito e opróbrio de viver à mercê da sorte – com riscos iminentes de morrer antes da juventude – (Heywood, 2004), pois a vida desses sujeitos não era alvo de gestões cuidadosas da higiene, da saúde física ou mental como agora se dá. Vejamos a pintura abaixo e lancemos um olhar discursivo sobre ela.



Imagem 1: Pintura *Der Kinderreigen* [A Dança de Roda das Crianças]

Fonte: Hans Thoma (1872)

Produzida no século XIX, *Der Kinderreigen* nos apresenta oito crianças naquilo que podemos chamar de ciranda. Os trajes, especialmente, denotam um fato recorrente na cultura representada: as vestes dos infantes não se distinguem daquelas dos adultos. Meninas com saias longas, blusas recobrindo os braços. Meninos com coletes, calças e camisas. Não há menção à infância por meio das cores, sequer há vislumbre do que viria a ser a normatividade de uma infância na atualidade. Vejamos um enunciado que nos dará a fibra dessa comparação. Seguidamente, imagem 2, um enunciado do campo publicitário, especialmente voltado para crianças com foco na comercialização de roupas e calçados. Há no enunciado fotográfico três crianças, vestidas com itens da marca que representa a propaganda. Veem-se, majoritariamente, cores vibrantes nesses itens, tais como vermelho e rosa. As crianças sorriem para a câmera em um cenário com nuvens feitas em material aparentemente de papel, emulando a imagem do céu.



Imagem 2: Propaganda Kidy – campanha 2019

Fonte: Portal da Propaganda (2019)

É possível entrever, na acepção foucaultiana, o intento de se constituir uma verdade sobre a infância, marcada pelas cores, pelo sorriso, pelo jogo imagético do sorriso, pela prototípica de uma docilidade. O sujeito criança destoa do universo adulto pela sua óbvia associação com as cores, com a liberdade de mesclá-las nas peças de roupa e calçados. Essa verdade se institui por meio de relações de saber e poder que, a nosso ver, estão nas normatizações e normalizações desses corpos. O mercado captura-os e

estereotipa, fomenta sobre suas existências todo um quadro analítico que, entre os muitos de seus efeitos, reatualiza a infância como a gênese da vida adulta. O contraponto do enunciado imagético de 1882 e do de 2019 aqui analisados é este: a infância antes invisibilizada agora é posta de modo incisivo na arena das visibilidades e dizibilidades (Deleuze, 1996).

Nessas rupturas, houve conforme Ariès (2006), a partir do século XVII, uma mudança paulatina dos cuidados e das concepções da infância e adolescência. Os infantes vistos como animais de estimação, passaram a ser cobertos de importâncias e sua morte – antes tratada com naturalidade – verteu-se em razão de preocupação e apreço. Esse movimento conduziu-nos a perceber ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX a emergência do sujeito criança e adolescente como alvo de salvaguardas múltiplas. Irrompe um dispositivo da infância/adolescência, circunscrevendo um objeto em torno do qual redes de saber médico, jurídico, religioso, pedagógico, psiquiátrico, psicológico, nutricional, etc. se desenvolveram e dilatam-se até nossa atualidade.

Tem-se, no entanto, uma virada dentro do dispositivo infanto-juvenil, a partir dos seguintes fatores: i) marca-se no século XX a aparição de órgãos de proteção às crianças em nível internacional, tais como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF – 1946) e de um refinado cuidado em torno da educação infantil e escolarização desses sujeitos; ii) grandes organizações financeiras iniciaram nos últimos anos do século XX e início dos anos 2000 investimentos privados em cuidados infantis, tais como a ação do Banco Mundial em 2022, *Invest in Childcare*, cujos propósitos compreendem a infância e adolescência como fases que necessitam de cuidados incessantes, tanto na educação quanto nas condições de saúde física; iii) as reformas educacionais ao redor do mundo iniciam suas responsivas sob a toada neoliberal, incutindo nas práticas escolares noções como protagonismo e empreendedorismo. Os efeitos dessas ações, produzem, em nossa atualidade, sujeitos crianças e adolescentes enredados, por meios das redes sociais, em novas formatações de si mesmos que respondem ao cuidado criterioso da infância com o deslocamento de novas responsabilizações.

Ante isso, é possível entrever a reaparição de um ideal de infância associado às funções de um sujeito adulto. O apagamento do infante como miniatura de adulto esvanece ante os ditames neoliberais que solapam conquistas históricas dos sujeitos e fazem reatualizar esses discursos em novas roupagens dentro do dispositivo infanto-juvenil. Ariès (2006) e Foucault (1999) podem nos trazer luminescências sobre esse fenômeno das novas infâncias e dos deslocamentos atuais em torno da constituição desses sujeitos.

O que neste tópico foi discutido conduz-nos a indagar sobre que infâncias temos hoje e como tais infâncias transfiguram vontades de verdade e relações de poder. O enunciado abaixo é de um vídeo localizável no YouTube, mas é a transmissão televisiva do Programa *Ei, gente* da TV Horizonte. No dia 17 de setembro de 2025, as apresentadoras receberam no quadro *Momento Criança* a menina Tessália Abranches, de 10 anos, que é introduzida com a seguinte descrição: “É atriz, modelo, manequim, escritora, já fez ginástica olímpica, inglês e tem mais...”. Uma das apresentadoras continua: “Pois é gente, ela é empreendedora mirim”. As apresentadoras seguem a entrevista, e a criança relata suas experiências de vida e, também, perspectivas de trabalho, questões financeiras e pessoais. A seguir, a imagem da criança revela uma figura vestida de blusa florida, com chapéu rosa com orelhas felpudas, sentada no banco de maneira a emular uma postura serelepe, voz infantil e gesticulação também infantil.



Imagem 3: Printscreen do Youtube

Fonte: TV Horizonte (2025)

O enunciado acima denota a aparição de uma nova espessura na história da infância e da adolescência. Nessa nova dobra, pungente em nossa atualidade, as crianças são capturadas dentro do dispositivo da eficiência (Laval, 2016) e são incitadas pela cultura atual a se tornarem autônomas ainda na infância, capturados pelos ditames do neoliberalismo. O sujeito da imagem, uma criança, performa modos de ser antes associados ao universo adulto, a saber, as competências do trabalho, as lógicas dos ganhos e lucros financeiros, a responsabilização, o empreendedorismo. Esses itens de discussão serão refinados no tópico a seguir. Diante do exposto, é possível pensar as relações entre as novas infâncias e adolescências e o mundo do trabalho e o neoliberalismo como uma racionalidade. Podemos ponderar, com base em Foucault (2010b), que esses discursos sobre a infância constituem um espaço de posições e de funcionamentos diferenciados para os sujeitos.

3 NEOLIBERALISMO E A PRODUÇÃO DO SUJEITO EMPREENDEDOR

Na argumentação de Foucault (2008a), a governamentalidade descreve a forma como o poder é exercido nas sociedades modernas. Não se trata do governo no sentido tradicional, mas de uma forma de condução das condutas, a partir da qual o poder é exercido por meio de uma variedade de instituições, práticas, normas e saberes. Diz respeito à articulação de uma série de técnicas e estratégias que visam orientar, controlar e dirigir o comportamento dos indivíduos e das populações. A seguir, apresenta-se a concepção foucaultiana sobre governar:

O que é governar? Governar segundo o princípio da razão de Estado é fazer com que o Estado possa se tornar sólido e permanente, que possa se tornar rico, que possa se tornar forte diante de tudo o que pode destruí-lo. A arte de governar deve então estabelecer suas regras e racionalizar suas maneiras de fazer, propondo-se como objetivo, de certo modo, fazer o dever-ser do Estado tornar-se ser. O dever-ser do governo deve se identificar com o dever-ser do Estado. (Foucault, 2008b, p. 6).

Pelo exposto, o filósofo descreve a arte de governar no contexto da razão de Estado, um conceito central em sua análise acerca da governamentalidade. Governar, segundo essa perspectiva, envolve a estabilização e a perpetuação do Estado, tornando-o sólido, permanente, rico e forte. Essa visão é baseada na racionalidade e na aplicação de regras específicas que buscam alcançar esses objetivos. Foucault sugere que a governança deve se orientar pelo “dever-ser” do Estado, ou seja, a idealização de como o Estado deveria ser. Esse dever-ser refere-se à segurança, à riqueza e à força do Estado, protegendo-o de qualquer ameaça que possa destruí-lo. Assim, a prática de governar não é apenas a administração cotidiana, mas uma arte que deve racionalizar e estabelecer métodos eficientes para garantir que o ideal do Estado se concretize.

Foucault (2008a) reflete sobre um sistema de poder que não é exercido apenas por um único ente ou instituição, mas, sim, por um conjunto de elementos que inclui instituições (como escolas, hospitais, prisões), procedimentos (métodos de organização e controle), análises e reflexões (estudos e pesquisas), cálculos (estatísticas, avaliações de risco) e táticas (estratégias de governança e gestão). Em suma, esmiúça uma forma de poder que permite a gestão da população, sustentado pela economia política e implementado por meio de dispositivos de segurança. Trata-se, portanto, de um conceito primordial para entender como os governos modernos regulam e controlam a vida das populações em diversas esferas, sobretudo o público infantojuvenil. Essa tendência levou a sociedade ocidental a se destacar, ao inserir o governo da população entre outras formas de poder, como o poder soberano e disciplinar, combinando forças para criar robustos mecanismos de governança e saberes específicos na gestão das ações da população.

As reflexões foucaultianas apontam que, ao longo da história ocidental, os mecanismos de regulação política passaram por gradativos processos, com significativas reconfigurações dos objetos, técnicas e práticas de governo. No final dos anos 1970 e no início da década seguinte, as investigações do autor se concentraram no exame das estratégias governamentais, seja por meio das regulamentações e dispositivos de segurança, seja pelas variadas técnicas através das quais os sujeitos são levados a prestar atenção em si mesmos. Nos cursos ministrados por Foucault, intitulados *Segurança, território e população* (2008c) e *Nascimento da biopolítica*

(2008b), é possível observar o desenvolvimento de teorizações a respeito dos saberes e das verdades que legitimam e sustentam as artes de governar.

Nesse enquadre, Senellart (2008) aponta que o liberalismo desempenha um papel primordial na arte de gerir as liberdades, que não são apenas garantidas, mas também negociadas e constantemente produzidas em virtude de uma política baseada em interesses, e não mais em coisas ou territórios, como previa a razão de Estado do século XVI. Segundo Foucault (2008b, p. 65), “[...] a ideia de uma administração das coisas que pensaria antes de mais nada na liberdade dos homens, no que eles querem fazer, no que têm interesse em fazer, no que eles contam fazer, tudo isso são elementos correlatos”.

Trata-se, então, ao contrário do que comumente se imagina, não de um afastamento colossal do Estado dos arranjos do mercado pela política da não intervenção, o chamado *laissez-faire*, características do liberalismo clássico (Safatle; Silva Junior; Dunker, 2021), mas de uma contínua entronização dos valores liberais na própria razão governamental. Para Safatle, Silva Junior e Dunker (2021), mais do que um modelo econômico, trata-se de uma engenharia social que modula comportamentos, práticas e ações.

Para sustentar tal ideia, Foucault (2008a) reflete acerca de duas correntes do liberalismo desenvolvidas no século XX: o ordoliberalismo e o neoliberalismo. Foquemos na última, pois esta ganhou proporções globais devido à ascensão dos Estados Unidos como uma potência econômica e política no século passado. É importante destacar que o surgimento do neoliberalismo nos Estados Unidos ocorre como uma reação crítica ao *New Deal*, às políticas econômicas planificadas e aos programas sociais implementados no período pós-Segunda Guerra Mundial. Pela ótica de Foucault (2008b), a principal característica distintiva do neoliberalismo estadunidense é sua capacidade de penetrar em áreas anteriormente alheias ao campo econômico.

Assim, Dardot e Laval (2016) afirmam que o neoliberalismo surge como uma “solução” para a crise do estado de bem-estar social, criado com o keynesianismo após a crise de 1929. Diferentemente da economia do bem-estar social, que busca equilíbrio entre o crescimento e a distribuição das riquezas, a lógica neoliberal concebe os sujeitos em termos de custo-benefício na competição global. Tais autores destacam vários impactos do neoliberalismo em diferentes setores sociais, dentre eles: a ideia de que cada indivíduo deve investir no capital humano ao longo da vida e a elevação da figura do empreendedor como um símbolo de prestígio social a ser almejado por todos.

Desta feita, é essa racionalidade neoliberal que, segundo Dardot e Laval (2016), caracteriza um modo de governança a reconfigurar não só a economia, mas também os modos de viver, pensar e se governar, infiltrando-se de maneira capilar nos diferentes espaços sociais, inclusive naqueles que, por sua tradição, são considerados formadores da subjetividade, como a infância e a adolescência. Ao transferir a lógica da competição, da avaliação constante e da autogestão para o âmbito das ações diárias, o neoliberalismo encontra, nas redes sociais, um espaço propício para a disseminação e aceitação desses imperativos, criando indivíduos que, desde cedo, são guiados pela autorresponsabilização, pela performatividade e pela incessante busca pelo sucesso pessoal, consoante explanado no tópico seguinte.

4 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EMPREENDEDORA NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

As redes sociais tornaram-se espaços de irrupção e circulação de discursos que funcionam para a promoção de certo delineamento de condutas dos sujeitos matizadas pelo aprimoramento contínuo de competências individuais, pelo aperfeiçoamento das questões emocionais dos indivíduos e a autoadministração como arte de produção de si mesmo.

Pensando nessa superfície de emergência (Foucault, 2010a), surge um fenômeno bastante significativo: os *coachs* mirins, ou seja, crianças, pré-adolescentes, adolescentes que performam em plataformas digitais de áudio e vídeo o papel de conselheiros motivacionais e começam a propagar princípios característicos da racionalidade neoliberal.

Esses sujeitos fazem circular no meio digital, impulsionado pelas múltiplas visibilidades que as redes sociais produzem, discursos que têm como efeitos de sentido a primazia da (auto)superação, do acirramento da autodisciplina e autoconfiança como

fundamentais para o sucesso. Para Souza (2023, p. 214), essas práticas discursivas legitimam condutas e formas de agir que põem em xeque a autonomia dos indivíduos “[...] diante das decisões que devem ser tomadas nos mais diferentes domínios de sua vida e constatar a que as novas tecnologias amplificaram a dependência e submissão da população a formas e condutas que lhe são propostas”.

Um olhar sobre essas práticas discursivas evidencia como a lógica do autoinvestimento e do empreendedorismo de si (Foucault, 2008b; Dardot; Laval, 2016) permeiam o ambiente digital, transformando os jovens em porta-vozes da promessa de ser bem-sucedido na vida, intensificando a responsabilização do indivíduo pela própria trajetória, produzindo-se, assim, novas subjetividades infanto-juvenis.

Para compor o *corpus* do trabalho, selecionamos quatro enunciados coletados entre 2024 e 2025, delimitando um recorte temporal que abrange desde o surgimento de registros sobre o tema (2022) até a ampliação do debate público acerca da questão (2025). A seleção baseou-se no critério de relevância e capilaridade, priorizando discursos de plataformas distintas (UOL, YouTube e TikTok) que apresentam alto índice de engajamento e circulação em nichos de empreendedorismo e finanças. O material selecionado consiste em:

- uma matéria jornalística do portal UOL (2025), que oferece o contraponto crítico e a sistematização do fenômeno;
- dois vídeos do YouTube, sendo um do canal *Gêmeos Investem* (2022) e outro do *podcast DZACast* (2024);
- um vídeo do TikTok (2024), representando a fragmentação do conteúdo via “cortes” de *podcasts* de temática similar.

A escolha desse conjunto justifica-se pela representatividade discursiva, tendo em vista que os enunciados não apenas tematizam a figura dos *coachs* mirins, mas deixam entrever as regularidades que evidenciam como a racionalidade neoliberal opera no governo da infância e da adolescência.

Conforme enuncia uma matéria publicada no portal UOL, em 9 de janeiro de 2025, crianças e jovens produzem discursos que buscam deslegitimar a função da escola e de instituições de ensino superior, a partir da promoção do empresariamento de si: “Nas redes sociais, esses influenciadores aparecem ostentando cédulas de dinheiro, desdenhando da educação e ensinando a, supostamente, a faturar com o celular” (Pilgallo, 2025). A partir do exposto, podemos depreender o modo por meio do qual a racionalidade neoliberal atravessa a produção dessas subjetividades, de modo a tornar possível a emergência de condutas alinhadas ao enriquecimento fácil proveniente do *marketing on-line*. Ainda de acordo com a matéria, é comum enunciados como “nasci para ser empreendedora, e na faculdade te ensinam a ser funcionária” e “para ser pobre estude, faça uma boa faculdade e encontre um bom emprego. Agora para ser rico, faça exatamente o contrário” (Pilgallo, 2025). A singularidade desse enunciado encontra condições de emergência em uma formação histórica profundamente marcada pelo desejo de sucesso financeiro imediato e pelo distanciamento de condutas outrora tidas como promissoras, advindas de um longo esforço que, futuramente, seria recompensador. Nesse sentido, o sujeito *coach* coloca-se no lugar do esclarecimento, de forma a produzir um efeito de verdade que se inscreve na contramão de discursos instituídos no que concerne à preparação para o ingresso no mercado de trabalho.

Para Souza (2025), o discurso que engendra um modo de vida próspero, no interior da razão neoliberal, funciona como um exercício de poder, porque se tornou uma forma de deixar-se conduzir pela vontade de prosperar, com vistas a ostentar bens de consumo, atitudes, ações e comportamentos que glorificam alguns sujeitos em detrimento de outros, pois aqueles supostamente foram vencedores na concorrência neoliberal. No canal *Gêmeos Investem*, em um vídeo disponível no YouTube (2022), dois irmãos, à época com quatorze anos, apresentavam-se como *coachs* de investimento e buscavam incitar crianças e adolescentes a se tornarem investidores.

Em um recorte do vídeo intitulado *como investir sendo menor de idade *começando com pouco dinheiro**, temos: “[...] muitas crianças e adolescentes que se interessavam em investir, mas não sabe como começar sendo menor de idade... E a gente fez uma pesquisa para os menores de idade começarem a investir. Vamos passar tudo nesse vídeo, mamão com açúcar, para você investir o seu dinheirinho e ter um montante muito maior no futuro” (*Gêmeos Investem*, 2022). Os irmãos mostram-se engajados no sentido de construir um discurso verdadeiro a respeito do lugar do investidor, tido como uma posição de êxito no âmbito da racionalidade

neoliberal, pois implica gerenciar, desde cedo, finanças – ainda que escassas – e, com isso, garantir a prosperidade do ponto de vista dos negócios.

Analisemos ainda enunciados presentes no vídeo “*ELA FATUROU 5 DÍGITOS COM O INSTAGRAM AOS 16 ANOS!*” do *podcast* DZACast apresentado no canal DigitalZ no *YouTube* e conduzido por dois adolescentes, ambos com 17 anos. Segundo a descrição do episódio: “No sexto episódio recebemos uma convidada única: M. D., de apenas 16 anos, que está se destacando na internet por ser uma jovem menor de idade e com muito faturamento no digital!” (DigitalZ, 2024). Como se vê, tem-se a ênfase no faturamento no ambiente digital e exalta-se o sucesso financeiro como métrica de habilidade e competência da jovem.

Ao ser indagada pelos apresentadores se os jovens da geração Z estão indo por um bom caminho, a adolescente M. D. responde, conforme transcrição a seguir:

Eu acho, sendo bem sincera aqui, que a maioria dos jovens, assim principalmente da geração z, eles vão cair na real que eles estão ferrado, assim na vida depois que eles vão sair da escola que eles vão ter que ir pra faculdade depois que eles perceberem ali eles caírem na real que não é só a escola, porque as pessoas quando elas estão na escola tá tudo muito confortável ela não consegue enxergar a vida real, meu pai tá bancando tudo que eu tenho para fazer depois que a vida adulta bater na porta aí é que aquelas pessoas vão sentir. Então... o que acontece muito com os adolescentes de hoje em dia eu vejo, para mim, a coisa mais chocante a pessoa tá no terceiro ano do ensino médio não trabalha, tem 17 anos nas costas e não trabalha, pior ainda é não saber o que quer fazer da vida, esse é o pior de tipo, a pessoa tá lá tem 17/18 anos, tá no terceiro ano de ensino médio e não trabalha, tá sendo sustentado pelo pai. Deus me livre, eu tenho 16 anos, desde os meus 15 eu já estava procurando qualquer outra coisa para mim [sic] fazer. Porque para mim é um terror eu tenho que ficar pedindo, pra minha mãe dinheiro, pro meu pai dinheiro. (DigitalZ, 2024).

O enunciado, num domínio associado, entra em contato com uma série de discursos de cunho neoliberal e meritocrático que modulam a forma como a juventude da chamada geração Z é instigada a se ver e a se conduzir. Em primeiro lugar, observa-se uma moralização da transição juvenil, na qual a adolescência e a escola são vistas como espaços de acomodação, conforto e irreidade, em contraste com a vida adulta, considerada sinônimo de responsabilidade econômica, trabalho e autossustento. Tal contraste reflete a lógica empresarial aplicada à vida, conforme descrito por Laval (2016, p. 56): “[...] o indivíduo é convocado a administrar-se continuamente como capital humano em desenvolvimento, sendo necessário antecipar riscos e procurar, desde o início, a maximização de sua utilidade”.

Esse posicionamento também indica a adoção de um discurso de autogestão precoce, pois a adolescente afirma que já procurava maneiras de trabalhar aos quinze anos, a fim de não depender dos pais. Tal fenômeno reflete a dinâmica da racionalidade neoliberal, não se limitando a capacitar trabalhadores para o mercado, mas levá-los a crer na necessidade de agir como empreendedores de si mesmos (Foucault, 2008b), assumindo a responsabilidade individual por sua sobrevivência e sucesso, tendo em vista que a dependência familiar começa a ser vista como um sinal de fracasso e de preguiça, conduta atacada pelo posicionamento da jovem empreendedora (“Deus me livre”).

Ademais, ao declarar que “[...] o pior é não saber o que quer fazer da vida”, a posição de sujeito evoca a noção de que o jovem precisa ter em mente um projeto a ser alcançado. Essa exigência é defendida por Damon (2009), ao alegar que os jovens carecem de um propósito definido para guiar suas escolhas e dar sentido à vida. Não obstante, quando se pensa nessa questão sob a ótica da racionalidade neoliberal, a noção de projeto transforma-se em mais um mecanismo de controle das condutas, que exige que o jovem planeje objetivos sólidos e compatíveis com a lógica produtiva, sob o risco de ser rotulado como um indivíduo perdido ou fracassado.

Desse modo, o enunciado em análise busca atender às expectativas neoliberais em relação à infância e à adolescência, ao apregoar a busca de autonomia precoce, a responsabilização individual, a rejeição da dependência familiar e a valorização da proatividade como indício de maturidade e reconhecimento social. Como avalia Gadelha (2015), na contemporaneidade, o controle e o governo das condutas dos indivíduos estão entrelaçados pelo empresariamento da sociedade, o que implica um forte apelo ao campo empresarial

e corporativo. Com isso, o estilo de vida a ser adotado, desde cedo, consiste em gerenciar a vida tal como uma empresa, assumindo riscos, sendo flexível, inovador, criativo e um bom investidor de capital humano.

Em prosseguimento, pergunta-se à entrevistada acerca de sua opinião sobre a função da escola e da faculdade, ao que ela responde:

Sendo bem sincera agora primeiro que a escola ela quer criar a gente para ser um alienado né? A escola chegou a um ponto que ela já não faz mais sentido quando, principalmente no ensino médio, a escola ela ensina todo o conteúdo que ela ensina é para você fazer a tal prova que é o ENEM, então se você não quer fazer aquela prova, a escola se torna inútil para você, ela se torna inútil e todo aquele conhecimento que você vai ter ali, a maioria não vai servir para nada na sua vida, a escola não ensina o que ela deveria ensinar, a escola não ensina sobre educação financeira. E aí as pessoas saem e vão trabalham né? A pessoa começa na vida adulta trabalha e ela não sabe nem como administrar o dinheiro dela, porque a escola não ensinou nada disso. E aí as coisas que ela aprendeu na escola não vai servir para nada na vida adulta. Isso é o que mais acontece, a escola ensina muito conteúdo inútil. (DigitalZ, 2024).

No *podcast*, tem-se uma crítica comum à escola atual: a alegação de que essa instituição não consegue preparar, de modo pragmático, os jovens para a vida. A posição de sujeito enfoca a contradição entre o excesso de conteúdos direcionados ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), considerado propósito seminal da instituição escolar, e a falta de orientações tidas como mais práticas, como a educação financeira. Vale pontuar que esse discurso ecoa nas recentes reformas empreendidas no ensino médio brasileiro (Silva, 2023), as quais emergiram como uma resposta institucional a essas críticas, deslocando o foco do currículo de uma formação propedêutica, tida como “inútil”, para uma formação centrada no indivíduo, na autogestão e na personalização do saber.

Conforme Foucault (2008c), o neoliberalismo exige se forme sujeitos aptos a gerirem a própria vida como se fosse uma empresa. Nesse contexto, o apelo à educação financeira configura-se como um mecanismo de governamentalidade que busca inserir o jovem na dinâmica do mercado desde cedo, orientando-o a assumir responsabilidade pessoal pela sua sobrevivência econômica e a adotar a lógica empresarial como um princípio de vida. Ao sugerir que o aluno aprenda a “poupar”, a “investir” e a “planejar” sua trajetória financeira, a escola não só ensinaria métodos de gestão de recursos, mas também moldaria subjetividades voltadas para a autogestão e para a lógica do risco, transferindo a ideia de cidadania para um contexto empresarial.

Conforme Sandel (2020), a retórica da utilidade e da meritocracia naturaliza as desigualdades sociais. Assim, quando um jovem não tem sucesso na vida adulta, a responsabilidade recai sobre ele e sua aparente falta de preparo, em vez de considerar as condições estruturais que restringem as suas oportunidades. O enunciado “a escola é inútil” por não ensinar a administrar recursos financeiros ignora o contexto mais amplo da desigualdade social, pois a precarização do trabalho e a instabilidade econômica não são resolvidas por habilidades individuais, mas derivam de decisões políticas e governamentais. Esse posicionamento discursivo pode ser flagrado também em um corte do *podcast* Cortescapitalistas publicado no TikTok, no qual uma criança de onze anos dá dicas de empreendedorismo: “Por que eu vou saber quem foi Aristóteles? Não vai ajudar em nada na minha vida!” (CortesdoMilhão, 2024).

Esses enunciados denotam como os discursos acerca da escola e da formação educacional são moldados pela lógica neoliberal que reconfigura os propósitos da educação. O foco da formação escolar é deslocado para a responsabilização pessoal da criança e do jovem, ainda em processo de construção de si, transformando sua trajetória em um projeto que precisa ser continuamente administrado e avaliado com base na perspectiva do mérito e da eficiência. Dessa forma, os saberes construídos ao longo do tempo e que embasam a formação integral e humanística são descartados em prol dos desígnios de mercado que converte a formação em um empreendimento pessoal e utilitarista ou, nas palavras de Masschelein e Simons (2014), na capitalização da existência individual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos o fenômeno dos *coachs mirins*, interpretando – por meio de materialidades discursivas presentes do âmbito das redes sociais digitais – os processos de subjetivação que (re)configuram as infâncias sob a égide da racionalidade neoliberal. Constituímos, então, uma breve genealogia da infância na história do Ocidente, entrevendo a irrupção de saberes e relações de poder sobre os sujeitos criança e adolescente. Em seguida, apuramos as nossas considerações arqueogenealógicas sobre a irrupção do sujeito *coach* mirim e sua aparição em enunciados das redes sociais.

A partir das análises das materialidades discursivas, foi possível entrever que a escola é delineada como um espaço apartado da realidade social e, por isso, tais discursos visam descaracterizar a necessidade da educação escolar, produzindo condutas contrárias ao modelo de escolarização formal. Essas condutas são eticamente sustentadas pelos matizes neoliberais da formação continuada e do empreendedorismo, visto que a aprendizagem é uma ação de autonomia do sujeito na razão neoliberal e o empreendedorismo é a verdadeira esteira da formação dos sujeitos. Dessa forma, a escola é discursivizada como uma obrigação esvaziada de sentido que tende tolher os potenciais das crianças e dos adolescentes.

Por outro lado, as análises evidenciam que, nos enunciados dos sujeitos *coachs mirins*, predomina um domínio de memória segundo o qual o trabalho configura-se numa prática que subjetiva a criança e o adolescente, de forma a dotá-los de um valor social. O trabalho é, por esse discurso, a cisão entre a nulidade e a potência do sujeito e, por isso, não é o saber escolar que conduz o sujeito à sua maioridade, autonomia e independência, senão o labor remunerado. A cifra de existência do sujeito contemporâneo e as possibilidades de validação social são, por esses discursos, fincadas na necessidade do trabalho, especialmente no âmbito das finanças e do empresariamento de si nas redes sociais.

Outro ponto a se problematizar se refere aos modos pelos quais em nossa cultura as faixas etárias foram sendo associadas, paulatinamente, a papéis de trabalho e a relações monetárias. Na história do Ocidente, infância e trabalho nem sempre foram sinônimos de afastamento, como é em nosso tempo por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a exemplo. Nesses termos, esse discurso busca também, por meio da associação entre trabalho e maioridade do sujeito, produzir novos matizes para a infância e a juventude.

Percebemos, finalmente, que o sentido do ambiente escolar como espaço de proliferação das potências dos sujeitos é deposto e revertido, pois a instituição pautada por currículo, horários, matrizes curriculares dispostas em avaliações – epítetos do poder disciplinar (Foucault, 1999) – conduzem ao dispêndio de tempo e esforço, o que aqui é lido como dispensável. A escola é posta como inútil por não trazer ao alunado o que se concebe como conhecimento prático da ordem da racionalidade neoliberal, pela qual toda ação deve ser produtiva ao acúmulo de capital humano e financeiro, o que leva, pois, ao descarte de saberes historicamente delineados.

REFERÊNCIAS

ARIËS, P. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. Tradução de Sérgio Miceli et al. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CASAQUI, V.; MATIJEWITSCH, F.; FIGUEIREDO, C. M. S. Empreendedorismo, infância e celebridade: análise dos discursos do empreendedorismo para crianças. *Intexto*, Porto Alegre, n. 44, p. 99-119, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/78062>. Acesso em: 1 set. 2026.

CORTESDOMILHÃO. Porque que eu vou saber quem é Aristóteles... *TikTok*, 8 out. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@cortesofthemillion/video/7423504452235054342?q=cortes%20capitalista%20aristoteles&t=1770233220799>. Acesso em: 1 set. 2026.

- DAMON, W. *O que o jovem quer da vida?* Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. Tradução de Jacqueline Valpassos. São Paulo: Summus, 2009.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, G. O que é um dispositivo. In: DELEUZE, G. *O mistério de Ariana*. Tradução de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega/Passagens, 1996.
- DIGITALZ. Ela faturou 5 dígitos com o Instagram aos 16 anos! Mariana Dantas - DZA Cast #06. *YouTube*, 17. out. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6aU_4jmHYdQ. Acesso em: 1 set. 2026.
- TV HORIZONTE. Criança empreendedora? A história inspiradora de Tessália Abranches | Ei gente. *YouTube*, 17 set. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7YVCmOECG0U>. Acesso em: 1 set. 2026.
- FONSECA, T. M. G. Foucault somos nós. In: FONSECA, T. M. G; ARANTES, E. M. M. (org.). *Cartas a Foucault*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 11-20.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe B. Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal Edições, 2008a.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège France (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, M. Resposta a uma questão. In: FOUCAULT, M. *Ditos & escritos: volume VI – Repensar a política*. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b. p. 1-24.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- GADELHA, S. Empresariamento da sociedade e governo da infância pobre. In: RESENDE, H. (org.). *Michel Foucault e o governo da infância*. Autêntica, 2015. p. 345-365.
- GÊMEOS INVESTEM. Como investir sendo menor de idade *começando com pouco dinheiro*. *YouTube*, 2 mar. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ALK_WZF4pvU&t=26s. Acesso em: 1 set. 2026.
- HEYWOOD, C. *Uma história da infância: Da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- THOMA, H. *Der Kinderreigen* [A Dança de Roda das Crianças]. 1872. 1 óleo sobre tela, 84,3 cm x 101,3 cm. Staatliche Kunsthalle Karlsruhe, Karlsruhe. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hans_Thoma_-_Der_Kinderreigen_\(1872\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hans_Thoma_-_Der_Kinderreigen_(1872).jpg). Acesso em: 26 set. 2026.
- LAVAL, C. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo como ataque ao ensino público*. Tradução de Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina, PR: Editora Planta, 2016.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MORAES, A. S.; LESSA, F. S. Imagens da infância na Atenas clássica. *Romanitas: Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 16, p. 61-80, jul./dez. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/romanitas/pt_BR/article/view/33015. Acesso em: 1 set. 2026.

MORUZZI, A. B. A infância como dispositivo: uma abordagem foucaultiana para pensar a educação. *Conjectura: Filosofia e Educação*, v. 22, n. 2, p. 279-299, 2017. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4086>. Acesso em: 1 set. 2026.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Ministério da Educação e Cultura, 1966.

PORTAL DA PROPAGANDA. Kidy se inspira no universo dos games em sua nova campanha de verão 2019. *Portal da Propaganda*, 9 ago. 2018. Disponível em: <https://www.portaldapropaganda.com.br/noticias/17026/kidy-se-inspira-no-universo-dos-games-em-sua-campanha-para-o-verao-2019/>. Acesso em: 1 set. 2026.

PILAGALLO, S. “Estude para ser pobre”: crianças desdenham da escola e dizem lucrar na web. *UOL*, 9 jan. 2025. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2025/01/09/r-100-mil-por-mes-menores-trabalham-irregularmente-com-marketing-digital.htm>. Acesso em: 1 set. 2026.

SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

SANDEL, M. J. *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* Tradução de Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SENEILLART, M. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France: (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. Martins Fontes, 2008. p. 441-448.

SOUZA, K. M. Do pastorado ao governo das condutas dos homens: estado de menoridade e competição na razão neoliberal. In: BUTTURI JUNIOR, A.; FERNANDES, C. A.; BRAGA, S. (org.). *Cartografias do contemporâneo: crises de governamentalidade?* Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 213-238.

SOUZA, K. M. Racionalidade neoliberal e discursos de prosperidade como vigilância e governo das condutas da população. In: DORNE, V. D.; SÁ, I.; FERNANDES, C. A. (org.). *Discurso, poder e vigilância: cartografar com Foucault*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025. p. 181-206.

SILVA, R. R. D. A questão do protagonismo juvenil no Ensino Médio brasileiro: uma crítica curricular. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 31, n. 118, p. 1-22, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/L3YtRDW6FdDzVsXdswMzDHs/?lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2026.



Recebido em 29/04/2026. Aceito em 27/09/2026.

Publicado em 15/10/2026.